

# Eles querem sangue:

## rompendo estereótipos da poesia negra e periférica

Guilherme dos S. Ferreira da Silva<sup>1</sup>

47

### Introdução

O movimento poético conhecido hoje como *Poetry slam* é, em síntese, uma batalha de poesia oral construída com a coparticipação do público. O *slam* ganhou grande visibilidade na década de 1980 em Chicago, Estados Unidos, quando o poeta Marc Smith inaugurou as noites de microfone aberto, buscando maneiras de criar uma comunicação imediata da poesia com a massa, de maneira informal e irreverente. Não demorou muito para que a proposta ganhasse seguidores não só nos Estados Unidos, mas também em outros continentes, tornando-se uma febre mundial.

No Brasil, o *slam* chegou só em 2008 por meio da poeta e MC Roberta Estrella D’Alva. Em São Paulo, o ZAP! (Zona autônoma da palavra) foi o grande responsável por ajudar na difusão do movimento *Poetry slam* em solo brasileiro. Sobre a atuação do *slam* no Brasil, D’Alva disse que:

---

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Ciência da Literatura (UFRJ) e Licenciado em Letras: Português/Espanhol. Atualmente, estuda poesia negra contemporânea com ênfase no trabalho realizado virtualmente por coletivos poéticos de rua.

Considerando o lugar que a tradição oral tem no país, particularmente aquela dos jogos orais competitivos, como os desafios, as peijas e o repente nordestino, para citar apenas alguns exemplos, aliar essa tradição à produção poética popular urbana em um contexto em que as diferenças de estilos, discursos e idades é característica marcante e em que todos se reúnem em torno de um único microfone, fazendo uso da liberdade de expressão, vem ao encontro da necessidade de fala e escuta, urgente às populações das grandes cidades. (D'ALVA, 2019, p. 271).

48

Nas capitais brasileiras, o *slam* bebeu da fonte de outros movimentos e grupos que já atuavam nas grandes metrópoles, principalmente São Paulo, como é o caso dos saraus da cooperifa e do cenário de *rap* nacional. Encontrávamos nessas mobilizações uma grande predominância de vozes masculinas, o que acabou interferindo no desenvolvimento do *slam* por aqui. De certo modo, essa dominação masculina impediu que mulheres ganhassem espaço de destaque no panorama da nova poesia oral em ascensão.

A chegada de coletivos femininos como o Slam das Minas, primeiramente idealizado em Brasília, foi essencial para a criação de espaços seguros em que mulheres conseguissem não apenas falar, como também serem ouvidas. Esse movimento de dar visibilidade às vozes femininas foi essencial para construção de confiança e da potência necessária para que mais mulheres furassem a bolha e alcançassem os grandes eventos nacionais e mundiais de batalhas de *slam*.

Hoje, já existem diversos coletivos de *slams* espalhados pelo Brasil exclusivos para mulheres, como também para pessoas trans e travestis, por exemplo. O incentivo e fomento a esses grupos poéticos é importantíssimo, visto que a existência de coletivos majoritariamente compostos por corpos que fogem à norma hétero-masculina aumenta a diversidade material e poética no cenário artístico nacional.

### Slam das Minas RJ

O Slam das Minas RJ começou a atuar na cidade do Rio de Janeiro em 2017. O coletivo ocupa principalmente as praças públicas e centros culturais da cidade, levando por meio de suas batalhas debates sobre raça, pertencimento, empoderamento e denúncias contra o genocídio feminino e negro. Para Andréa Bak, membro do coletivo carioca, o papel dos *slammers*<sup>2</sup> é claro: “queremos atingir o trabalhador que está voltando do trabalho, o estudante que está voltando da escola, e fazer com que assim a gente roube um pouquinho da sua atenção, levando-o a descobrir o verdadeiro sistema, a partir do nosso corpo e do que a gente fala” (BAK, 2018, p. 24).

49

Como já foi dito, as batalhas de *slam* acontecem com a ajuda do público presente. A plateia, além de contribuir com palmas e gritos (atos encorajados pela própria organização dos eventos), também é responsável por dar notas para as performances da noite. Por um lado, o papel atribuído aos presentes gera um sentimento de pertencimento e coletividade. Por outro lado, auxilia no esvaziamento da recepção das produções poéticas marginais, ao favorecer, por exemplo, poemas que abordam as dores do corpo marginal em detrimento dos versos que abordam temas como o amor. Como explica Roberta Estrella D’Alva, no seu documentário *Slam – voz de levante* (2017): “Tem certos temas hoje em dia, ou questões raciais ou feministas, que ganham o *slam*. Por um lado é a voz, é o que precisa ser dito e o que quer ser ouvido, mas por outro lado mata a diversidade um pouco. Isso não pode inibir alguém de ir lá falar um poema de amor!”.

Com a chegada da pandemia, coletivos de rua tiveram que adaptar seus trabalhos às redes. O Slam das Minas RJ usou da rede social *Instagram* como principal fonte de comunicação com os seguidores do *slam*. Logo que foi decretada a quarentena no Brasil, em março de 2020, novos trabalhos *online* ganharam forma, sendo a *Quarentena Poética* responsável por dar largada a essa nova fase.

---

<sup>2</sup> Nome dado ao poeta de *slam*.

*Quarentena Poética*<sup>3</sup> foi um projeto que consistiu na postagem de um vídeo de *slam* por dia, ao longo de três meses. Foram ao todo 88 vídeos publicados ininterruptamente na rede social (de 16 de março até 11 de junho). O Slam das Minas RJ contou com a ajuda de *slammers* do Brasil inteiro que enviaram suas performances gravadas de casa. Corpos femininos, transmaculinos, transfemininos e não-binários ocupando um mesmo espaço virtual, espalhando poesia em tempos turvos e criando uma fortíssima rede de pertencimento e de troca de afeto, histórias, revoltas e um intenso desejo de mudança.

### **O que vocês querem ver? Sangue!**

O poema que desencadeia a reflexão proposta nessa discussão surgiu na *Quarentena Poética*. No dia 83 do projeto, Moto Tai, *slammer* e membro do Slam das Minas RJ, publicou uma performance confrontando diretamente o público que consome *slam* esperando um espetáculo de dores mais profundas. Dores causadas, em sua maioria, pela necropolítica instaurada no Brasil e praticada pelos soberanos que exercem “controle sobre a mortalidade e definem a vida como a implantação e manifestação de poder” (MBEMBE, 2016, p. 123), determinando “quem importa e quem não importa, quem é descartável e quem não é” (p. 132).

50

O que cês querem ver? Sangue!

O que cês querem ver? Sangue!

Estamos condicionando, direcionados a falar sobre as dores.

Enumeradas e aplaudidas pelos jurados, pelo público ou pela pessoa que te contratou.

Engana-se quem acha que estou reclamando dos sistemas das notas, tô falando que é foda, sangrar 3 minutos toda hora.

Vocês devem tá de sacanagem?!

Porra, eu nem me via em nada, até acreditar que somos a movimentação, ação dessa geração. Preparando,

---

<sup>3</sup> A *Quarentena Poética* está integralmente disponibilizada no Instagram @slamdasminasrj (<https://www.instagram.com/slamdasminasrj/>).

adubando o terreno para a verdadeira reparação.  
existir e não resistir esse vai ser o tema.  
E como seremos a porra da revolução?  
Se a divisão tá errada até no local que deveria ser plural?  
Tá fingindo que não tá vendo? Por que será que ninguém  
fala? É mais um ato racista nos colocando no lugar de  
sofredores, amando as dores, sendo amadores quando a  
visão seria amar em qualquer lugar  
lembrando sempre: beije sua Preta na praça que um dia o  
patriarcado cai.  
Eu pego é ranço, num slam só com mulher 9.9 quando ela  
se atreveu a falar do pulsar e não do racismo estrutural  
que vocês vêm ajudando a perpetuar  
Não vou ser hipócrita quero ganhar, chegar em sampa e  
discutir com poetas se é biscoito ou bolacha. Conhecer as  
minas do slam das minas de outro estado. Falar que a Jess  
é foda, a Luz Ribeiro. E que é maluquice nós brincarmos  
de medir sentimentos com nota?  
Vocês devem estar ouvindo essa poesia e se perguntando  
se alguém me obrigou. Não, ninguém obrigou.  
Devem tá pensando: não quer vai embora, deixa para  
quem tem mais sangue para botar na mesa, recheiar a roda  
com tristeza.  
Se engana, somos um bando de fudidos, mascarados,  
escondendo os textos mais limpos. Deixando o que é sujo  
exposto, posto na mesa feito carniça para urubu devorar.  
O chafariz da dor fechou, beba da minha escrita mais  
limpa, não saciarei nessa poesia sua sede de dor  
Vocês acham mesmo maneiro poeta sair do palco  
chorando, sangrando por dentro e vocês rindo,  
aplaudindo, gritando?  
O que cês querem ver? Sangue  
Enche o copo, brinda! Deixa derramar, até te saciar.  
Até quando todos os poetas aguentarem e foda-se se um  
se suicidar!  
Continuem a brindar! A Dall Farra estava certa, vocês  
brindam com sangue e não se afetam

No dia que a poesia de amor ganhar, eu estarei recebendo  
bolsa de sangue em algum lugar  
E aí não adianta chorar, perguntar, repensar... morri.  
Laudo: hemorragia externa, interna, tanto faz.  
Aqui jaz. Hoje a palavra não salva. Insiste em me matar.  
(MOTO TAI – QUARENTENA POÉTICA, DIA 83)<sup>4</sup>

O verso que inicia o poema de Moto Tai faz referência às tradicionais batalhas de sangue, duelos de improvisação nas quais os competidores devem atacar verbalmente uns aos outros. “O que cês querem ver? Sangue!”, a multidão rodeia os dois participantes e aguardam avidamente quem sairia humilhado pela rima do oponente. Mesmo não fazendo parte da cultura do Slam das Minas, Moto Tai traz à tona uma tradição do cenário das batalhas de rimas, evidenciando o prazer doentio pela dor alheia presente também em diversos dos frequentadores das rodas de batalhas de poesia.

52

“Vocês acham mesmo maneira poeta sair do palco chorando, sangrando por dentro e vocês rindo, aplaudindo, gritando?”. No poema, Moto Tai constrói uma impactante crítica ao modelo de eleição das performances vencedoras. A priorização de poemas militantes aos poemas que tratam sobre amor, por exemplo, acaba por gerar um perigoso apagamento do trabalho de *slammers*, sendo eles reduzidos a apenas uma posição: de sofrendores. Gloria Anzaldúa, na sua obra *Falando em línguas*, já havia evidenciado tal apagamento ao dizer que “a lésbica de cor não é somente invisível, ela não existe. Nosso discurso também não é ouvido. Nós falamos em línguas, como os proscritos e os loucos” (ANZALDÚA, 2000, p. 229). Recepções esvaziadas pelo público empobrecem a arte negra e transformam o *Poetry slam* no Brasil (que deveria ser um ambiente para enaltecer a arte produzida por corpos marginalizados) em um ringue para a disputa de dores: “é maluquice nós brincarmos de medir sentimentos com nota”.

Tatiana Nascimento, no livro *Cuírlombismo literário*, enfatiza a urgência de mudarmos o cenário. Para ela é necessário:

<sup>4</sup> MOTO TAI. “O que vocês querem ver? Sangue!” Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBG-ay3pGbv/>. Acesso em: 14 de jul. de 2022.

Refundar a noção de literatura negra, vista apenas como combativa, de denúncia do racismo, idealizada em modelos de ‘homem negro’ e ‘mulher negra’ binário-heterocêntricos. Questionar esse jeito de fazer, ler, compreender literatura negra no qual dor, sofrimento, heroísmo, revolta, heterociscentralidade seriam temas dominantes. (NASCIMENTO, 2020, p. 15)

O racismo tem tentado, secularmente, nos calar ao proferir discursos “autorizados” sobre nós. Quer nos roubar o direito à existência plena, complexa, diversa. Mas somos seres complexos. Não somos máquinas de resistência e denúncia. Resistir ao estereótipo da resistência também é resistir, e mais: existir na plenitude que, desde o continente, aprendemos a construir como base fundamental de vida e bem-viver. (NASCIMENTO, 2020, p. 19)

53

O caminho exposto por Nascimento é o mesmo trilhado por Moto Tai. No poema declamado, para além de criticar o sistema de notas, a poeta busca pensar um percurso de reivindicação do direito de poetas falarem sobre o que desejam e terem seus trabalhos igualmente valorizados: “O chafariz da dor fechou, beba da minha escrita mais limpa, não saciarei nessa poesia sua sede de dor”. Porque, como já disse Allan da Rosa, “Miséria populista é escrever apenas pra agradar. Tentação já tradicional da arte preta, compreensível de sul a norte após a escravidão oficial, é se enrugarem e ressecar no chavão militante” (ROSA, 2016).

Ao pensar a performance de Moto Tai como parte de um projeto tão grande como a *Quarentena Poética*, despertou em mim o interesse em mapear os principais temas abordados no projeto. Pensei que, somente dessa forma, conseguiria evidências suficientes para refletir a recepção da poesia de amor criticada pela *slammer*.

Abaixo você encontra um gráfico contendo os principais temas abordados no projeto *Quarentena Poética* realizado no perfil do *Instagram* do Slam das Minas RJ:



54

Foi possível constatar por meio da construção do gráfico que poemas de amor conquistaram liderança entre os temas publicados ao longo do projeto. O tópico ficou na frente de outros considerados marca registrada da poesia de *slam*, como: o cotidiano marginal, a violência gerada sobre corpos negros e a agressão à mulher. No entanto, meu intuito ao realizar a catalogação dos temas não foi o de criar uma espécie de *rankeamento* entre os poemas publicados ao longo da *Quarentena Poética*. Ao contrário, eu almejava buscar evidências que comprovassem um desejo presente nas poetas do *slam* de usar o espaço conquistado para mostrar todos os seus lados: seus sentimentos, vivências, ensinamentos e, por que não, seu amor romântico.

O próximo passo da minha investigação foi analisar a recepção obtida com os poemas de amor publicados. Contrariando minhas expectativas, as performances dos poemas românticos atingiram um número de acessos satisfatório no *Instagram* do Slam das Minas RJ. Analisando o projeto, percebi que os vídeos no geral mantinham uma média de quinhentas a mil visualizações cada (obviamente, havia aqueles que superavam ou mesmo não alcançavam essa marca). Todavia, diversos dos poemas de amor ultrapassaram a média de visualizações, com performances chegando a bater

quase quatro mil acessos. A aba de comentários é outra ferramenta que mede o engajamento de um vídeo no *Instagram*, nela os poemas de amor chegaram a colecionar cinquenta comentários (superando a base média de dez a vinte comentários que outros vídeos conseguiam).

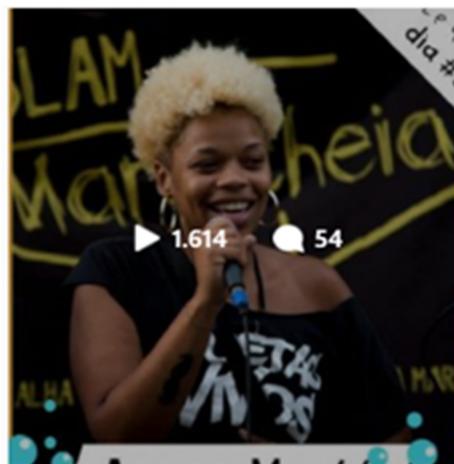
Abaixo, demonstro, por meio de uma colagem, o número de visualizações e de comentários conquistados por quatro poemas de amor publicados no projeto no ano de 2020. Exponho, ainda, versos de cada poema que ilustram suas temáticas românticas.

55



**Tom Grito / dia #3**

Amor, volta pra casa.  
 Não era pra você ter saído.  
 Traz álcool gel.  
 Eu tô com saudade do seu abraço.  
 (...)



**Agnes Maria / dia #36**

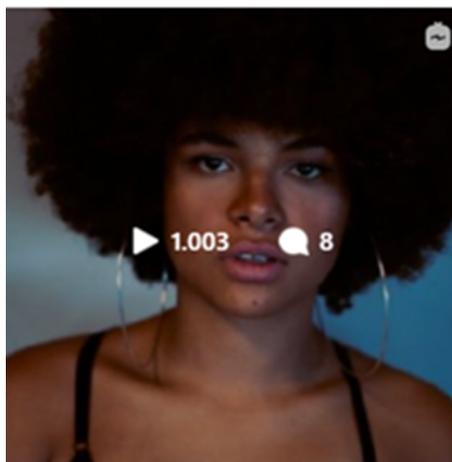
Eu agarrada em ti, paro de te beijar  
Te encaro e confesso que não quero soltar  
E tu pede pra eu não soltar  
O jeito que cê fala faz eu me arrepiar  
(...)



**Gênesis / dia #2**

Desde que sua língua percorreu meu abismo  
Não durmo  
Predadora e isca fácil  
Com essa flecha transpassada no peito  
(...)

56



**Andréa Bak / dia #29**

Eu não sei qual o erro em amar tanto  
Me diz  
Qual o remédio exato pra acabar  
Com essa dor de não imaginar você mais ao meu lado

(...)

### Considerações finais

Evidencio por meio dessa pesquisa uma intrigante divergência no que diz respeito à recepção da poesia de amor performada por *slammers* em espaços presenciais e em espaços *on line*. Afirmo ainda que a pressão sobre o júri existente nas batalhas de *slam* físicas pode ser uma hipótese para a fraca aceitação dessa temática nas competições. Digo isso, pois o júri lida nesse ambiente com uma dupla pressão: primeiramente exercida pelo poeta que performou e que aguarda sua nota, depois pelos olhares críticos da plateia, que pode vir a manifestar-se por meio de vaias caso não concorde com a nota que foi dada.

Desse modo, é possível que o júri participante, em alguma proporção, sinta-se intimamente constrangido ou acuado ao dar notas baixas para poemas militantes, mesmo que não os considere bons em suas estruturas ou performances. Com isso, crescem as vantagens dessas temáticas frente a outras nos campeonatos, gerando um ciclo vicioso, em que poetas passam a escolher entre seu repertório poemas que vão agradar ao público presente, diminuindo a diversidade temática nas batalhas.

Em contrapartida, em projetos *on line* como a *Quarentena Poética*, onde não há a necessidade de um *ranqueamento*, notamos uma rica variedade de temas e um engajamento potente em performances outras, que celebram a identidade e o amor de corpos marginais. Projetos como esses criam caminhos possíveis no urgente trabalho de descolonizar o conhecimento, isto é, de configurar “novas estruturas do saber e do poder, uma vez que a teoria não é universal nem neutra, mas sempre localizada em algum lugar e sempre escrita por alguém, e [que] este alguém tem uma história” (KILOMBA, 2016, p. 8).

Concluo, portanto, que projetos paralelos às batalhas de *slam*, como a *Quarentena Poética*, ganham extrema relevância ao construir uma rede coletiva para a propagação da herança e riqueza étnico-racial brasileira por meio da literatura, além de evidenciar a possibilidade de afeto entre corpos negros e *queer*. Só a partir de uma educação antirracista será possível nomear a norma (MOMBAÇA, 2017) e tomar de volta aquilo que foi

roubado do corpo preto, lgbtqia+ e periférico: o direito de pertencer e de falar a partir de todos os espaços, não mais apenas o do sofredor.

## REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. *Falando em línguas: Uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*. Estudos feministas, CFH/UFSC, v. 8, ed. 1, p. 229-236, 1 jan. 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>. Acesso em: 25 jun. 2022.

BAK, Andréa. “Entrevista”. In: SILVA, Guilherme F. da. *Tentaram nos enterrar não sabiam que éramos sementes: Um diário-tributo aos corpos que não importam*. 2018. 47 páginas. Trabalho Monográfico - Universidade Federal do Rio de Janeiro; RJ, 2019.

D’ALVA, Roberta Estrela. *Slam: voz do levante*. Rebento. São Paulo, n. 10, p. 268-286, junho 2019.

KILOMBA, Grada. *Descolonizando o conhecimento – uma palestra performance*. Trad. Jessica Oliveira. 2016. Disponível em: [https://www.academia.edu/23391789/Tradu%C3%A7%C3%A3o\\_para\\_o\\_Portugu%C3%AAs\\_de\\_DESCOLONIZANDO\\_O\\_CONHECIMENTO\\_Uma\\_Palestra-%20Performance\\_de\\_Grada\\_Kilomba](https://www.academia.edu/23391789/Tradu%C3%A7%C3%A3o_para_o_Portugu%C3%AAs_de_DESCOLONIZANDO_O_CONHECIMENTO_Uma_Palestra-%20Performance_de_Grada_Kilomba). Acesso em: 28 fev. 2022.

*SLAM: Voz de levante*. Direção de Tatiana Lohmann e Roberta Estrela D’Alva. São Paulo. 2017. (81 min.).

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Arte & Ensaios. Revista do ppgav/eba/ufrij; n. 32. 2016.

MOMBAÇA, Jota. *Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência*. São Paulo: Fundação Bienal (32ª Bienal de São Paulo – Incerteza Viva), 2017.

NASCIMENTO, Tatiana. *Cuírlombismo Literário: Poesia negra, LGBTQI, desorbitando o paradigma da dor*. São Paulo, n-1 edições: 2019.

ROSA, Allan da. *Literatura preta, periférica? Carícia ao nosso leitor já cansado de porrada ou chamar pro mel de labirintos incertos?* Revista *O Menelick Segundo Ato*. Set de 2016. Disponível em: <http://www.omenelick2ato.com/artes-literarias/literatura-preta-periferica-caricia-ao-nosso-leitor-ja-cansado-de-porrada-ou-chamar-pro-mel-de-labirintos-incertos>>. Acesso em: 01 de julho de 2022.

**Resumo:** Com o poema “O que vocês querem ver?”, a poeta carioca Moto Tai denuncia uma sede por sangue presente no público das batalhas de *slam*, evidenciando a importância em debater os estereótipos criados em cima da poesia preta, *queer* e favelada. O presente artigo busca, portanto, questionar o esvaziamento que ocorre com a noção de literatura periférica apenas como literatura de denúncia, além de analisar as estratégias usadas pelo coletivo Slam das Minas RJ em uma luta para descolonizar o conhecimento e configurar novas estruturas do saber e do poder (KILOMBA, 2016).

**Palavras-chave:** Slam das Minas; Poesia e Performance; Poetry Slam; Literatura Marginal.

**Abstract:** With the poem “O que vocês querem ver?”, the Brazilian poet Moto Tai, from Rio de Janeiro, reports "thirst for each other's pain" in the slam audience. The author also shows the importance of discussing stereotypes created based on a black, queer and favela dweller poetry. Therefore, this paper aims to question the impoverishment that occurs due to the notion of marginal literature being seen only as political literature, and analyze the strategies used by the Slam das Minas RJ group in a struggle to decolonise knowledge and set up new structures of knowledge and power.

**Keywords:** Slam das Minas; Poetry and Performance; Poetry Slam; Black Literature.